

Amondona se firma na novíssima MPB em EP de estreia

PÁGINA 4



Denis Quaid brilha na biopic de Ronald Reagan

PÁGINA 7



Maitê Proença ataca etarismo na Globo: 'herança colonialista'

PÁGINA 5



2º CADERNO

Russo Passapusso, com disco do BaianaSystem, diz que faz música para quando morrer

Por Lucas Brêda (Folhapress)

Segundo o vocalista Russo Passapusso, o BaianaSystem é “uma banda de caminhão”. Isso porque o grupo forjou sua fama no trio elétrico, o Navio Pirata, já uma entidade do Carnaval baiano, e nos shows enérgicos e suados.

Mas, em “O Mundo dá Voltas”, seu quinto e novo disco, lançado na última semana, eles se permitiram desacelerar. “É um disco de canções, com músicas às vezes mais lentas. Geralmente o show do BaianaSystem é como? E aí, vai ouvir o novo disco e ele está como?”, diz Passapusso.

Isso não significa que a euforia não esteja lá. “Balacobaco”, música que tem participação de Anitta, é feita sob medida para embalar as rodas de bate-cabeça comuns nas apresentações do grupo. “Magnata”, um ragga levado pelo flow meio Bahia meio Jamaica de Passapusso, se conecta diretamente com a tradição do sound system defendida pela banda desde seu início, há 15 anos.

O clima no resto do álbum,



Divulgação

Russo Papadusso diz que ouve antigas canções em vinil como se fossem mensagens para o futuro deixadas numa garrafa

Uma aposta para a eternidade

contudo, é mais tranquilo. Trata-se de um retorno ao caminho que o BaianaSystem vinha trilhando em “O Futuro Não Demora”, seu terceiro disco, de 2019.

A banda estreou em 2010,

com o álbum homônimo que serviu como rascunho da estética desenvolvida nas obras seguintes - um resgate da guitarra baiana no contexto da cultura dos sound systems jamaicanos.

“Duas Cidades”, disco de 2016 de pegada urbana, ambientado em Salvador e politicamente afiado na denúncia de desigualdades, marcou a ascensão do BaianaSystem ao sucesso nacional. “O

Futuro Não Demora” veio mais otimista e esperançoso, embebido em ideais de coletividade e com uma pesquisa mais dedicada à música brasileira.

Continua na página seguinte

Novo álbum traça múltiplas conexões

“O Mundo dá Voltas” retoma a trilha de “O Futuro Não Demora”, agora a partir de um conceito. Passapusso diz que passou três anos contando a mesma história exaustivamente a todas as cerca de 150 pessoas envolvidas no projeto para que cada sonoridade do disco reforçasse a narrativa pré-estabelecida.

“Exemplo, você vai tocar tambor na música que é uma subida para a laje. Eu vou encher teu saco, ligar para você e dizer que o tambor representa isso e aquilo, e depois aquele cara vai descer para a praia, que é o lugar onde chegaram os escravizados. Era assim, ‘caramba, era só para tocar um tambor, mas agora vou ter que contar uma história com isso?’, diz o vocalista.

O enredo acompanha as músicas. “Batukê”, diz Passapusso, é um sonho. Em “A Laje”, o protagonista “acorda, sobe na cobertura e vê aquele céu azul”. Ele desce até a orla em “Praia do Futuro”. Volta à comunidade na hora do rush em “Porta-retrato da Família Brasileira”. Olha para trás e vê o dinheiro “das bets, do tráfico e da diferença social expressa na geografia” em “Magnata”. “Palheiro” é a cidade, “Agulha” são as pessoas e por aí vai.

Esteticamente, o disco traça conexões das músicas brasileira, latina, caribenha e africana. Desta vez, influenciada pelo saxofonista americano Pharoah Sanders e pelo disco “Trouble Man”, de Marvin Gaye, entre outros, a banda decidiu gravar os sopros antes de todo o resto, e adaptar as músicas a partir daí.

Além de Anitta, há versos de Emicida, Vandal e até da atriz Alice Carvalho no disco, bem como refrões cantados por Melly, Pitty, Gilberto Gil, Dino d’Santiago e



Divulgação



Divulgação

Russo Papadusso a bordo do Navio Pirata: o trio elétrico do BaianaSystem tornou-se referência no carnaval de rua de Salvador arrastando milhares de pessoas pela cidade

As apresentações do BaianaSystem em casas de shows mantém a energia do público em níveis elevados

Seu Jorge, entre outros.

O repertório embaralha a cronologia das composições. “Praia do Futuro” foi escrita por Antônio Carlos e Jocafrá há mais de 40 anos,

enquanto “Pote D’Água” foi feita pelo músico baiano Lourimbau há quase três décadas e “Palheiro” veio do álbum “Estado de Espírito”, colaboração de Roberto Barre-

to com o guitarrista paraense Manoel Cordeiro, do ano passado. Outras faixas, como “Magnata” e “Balacobaco”, já vinham sendo entremeadas nas performances do

grupo nos shows.

Tudo isso serve à ideia de “passado que o futuro não alcançou”, frase que norteia o grupo neste trabalho. “Esse disco tem uma compreensão do tempo diferente”, diz Passapusso. “A gente é empurrado a ficar entrando em novas ondas, a nova música da Bahia, a nova num sei o que. Esse imediatismo nos leva a fazer coisas que podem se tornar descartáveis.”

O vocalista vê essa mudança na relação com o tempo como uma militância. “A gente vai precisar fazer um encontro geracional e descaracterizar o que é velho e o que é novo dentro da música brasileira. Se não vamos entrar num processo, que hoje é naturalizado, de pessoas achando que estão inventando coisas novas quando na verdade estão vivendo uma continuidade.”

Passapusso cita “Alvorada”, de Cartola, como uma música “do futuro”. “Quem conseguiu fazer uma letra dessa hoje em dia? Que tecnologia é essa?”, diz. “Isso ainda é o futuro. Você pega essa letra e olha a favela hoje no Rio de Janeiro --pegando fogo, tudo acontecendo-- e chora mais do que na época. Faz mais sentido hoje do que o que estão cantando agora.”

Essa ideia se relaciona também com a maneira como o BaianaSystem enxerga “O Mundo dá Voltas”, e como Passapusso vê seu ofício. Ele diz que compõe como os discos de vinil que ouve, como uma mensagem numa garrafa.

“Para mim, a história que um artista ou grupo conta na discografia é importante. A vida é curta, e a gente tem um tempo para mostrar nossa visão do mundo”, ele diz. “Quero contar histórias em vida para quando eu não estiver mais aqui. Faço música para quando eu tiver partido.”

CRÍTICA / DISCO / ENTRE NÓS

Uma audição lisérgica (#sóquenão)

Por Aquiles Rique Reis*

Domingo, oito da noite. Preparo uma dose e vou ao notebook. Ao primeiro gole, um raio seguido de um trovão, apaga a luz da casa. Iluminado apenas pela tela, os toques nas teclas se misturam aos dos teclados do pianista e eu anoto o que ele toca e o que a cantora canta. E entro num transe que faz parecer que sonho. Parece que os pianistas se revezam ao piano sob o meu olhar pasmado. E, sem que me vejamos, dão às músicas a moldura que merecem. Hipnótico, sinto que instalados do meu lado eles tocam e a moça canta só pra mim. Não, cês não tão entendendo... sozinho em casa, presencio uma audição “exclusiva” do novo álbum autoral da Andréa Dutra e seus pianistas convidados.

Primeiro, o piano do Adriano Souza dedilha as notas, enquanto Andréa, suave, mas decidida, canta a sua “Acerto”. Acordes e um ritmo leve levam o samba que toma conta da sala. Na sequência, Paulo Malaguti Pauleira entra e assume o piano, nem me cumprimenta... Normal, acho; troca

um olhar cúmplice com Andréa que lança garganta a fora a poesia da sua “Entre Nós. Entra o Itamar Assiere: delicado que só, seu piano soa bonito, enquanto Andréa se declara, afinada e afetuosa na “Valsa nº 1”; arritmo como o arranjo, deliro em silêncio. Leo de Freitas assume o piano para tocar “Deixa Quiet”, “; dengosa às pampas, Andréa canta bonito. Bestamente, eu, hein!, aceno pro Leandro Braga que vem pra sala; Andréa parecer requebrar as cadeiras no samba bem leva-



do por ele; e é assim que parece cantar os versos de “Dadivosa”. Agora, quem passa por mim sem me ver é a pianista Sheila Zagury: ela, vem pra tocar “Maio”, cujas notas soltas do piano antecedem a entrada de acordes que anunciam o canto de Andréa. Show! Eis que três pianistas se aproximam do piano. Quase caio da cadeira. Mas a música pode tudo, penso! E Adriano Souza, Leo de Freitas e João Braga dão lá seu jeito e acompanham Andréa, que arrasa ao cantar “Pedra e Flor”; logo rola

um intermezzo jazz total. João Braga entra; antes de cantar “Arrastão Carioca”, Andréa acho que sorri, e sapeca o seu espírito carioca que está à flor da pele – a letra assim pede e ela nega, ora. E eu, feliz da vida, já na terceira dose, saco que o sarau tá acabando. Acompanhada por Antônio Fischer-Band, Andréa manda ver em “Conselhos Para Um Adolescente na Ponte Aérea Rio-SP: “Vai dar um teco, tomar um teco,/ Beber até cair (...)”. E o piano acompanha o canto que tenta entusiasmar a rapaziada, aqui representada por Andréa Dutra. Tudo rolou esperto. A luz volta.

Mas a vibe segue, tá ligado, bróder?

PS. O álbum Entre Nós (Peneira Musical), da cantora Andréa Dutra (também vocalista do Arranco de Varsóvia, junto com Cacala Carvalho e Paulinho Pauleira, atual vocalista e pianista do MPB4), conta com doze pianistas convidados que tocaram seus próprios arranjos, e me proporcionaram uma boa viagem. Ouça o álbum: <https://acesse.one/gBZyo>

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Sem aviso prévio

Central Cee, peso-pesado do rap britânico, lança, sem aviso prévio, o single, “GBP”, em colaboração com 21 Savage. A faixa antecede o lançamento de seu álbum de estreia, “Can’t Rush Greatness”. “GBP” traz Central Cee e 21 Savage trocando versos afiados, misturando de forma fluida as culturas do rap do Reino Unido e dos Estados Unidos. Cech entrega letras cruas que capturam sua ascensão ao sucesso e as contradições de seu mundo—onde riqueza, luta e lealdade se entrelaçam.

Divulgação



Uma nova colab

Marshmello e Jonas Brothers estão de volta com mais uma colaboração, o novo single “Slow Motion”, lançado no fim da semana passada e já disponível em todos os aplicativos de música. Os irmãos Kevin, Joe Nick anunciaram o lançamento durante o New Year’s Rockin’ Eve with Ryan Seacrest e, desde então, têm provocado os fãs sobre a nova colaboração. Além disso, os Jonas Brothers estão comemorando neste 2025 o 20º aniversário da formação da banda. Essa é a segunda parceria entre os artistas, que lançaram a faixa “Leave Before You Love Me” em 2021.

Divulgação



Na onda do hyperpop

Abraçando a tendência do hyperpop explorado pela britânica Charli XCX, o cantor capixaba Lucas Gavvi, 25, apresenta seu novo single, “Bonitinho e Ordinário”. Com ruídos metalizados e batidas dançantes, a canção está nas plataformas digitais e o videoclipe chegou ao canal de YouTube do artista neste domingo (19). “Desde o meu último lançamento, ‘Mitomaníaco’, eu já trazia uma ponte bem diferente do que a música pedia. Portanto, nesse momento, estou fugindo de produções lineares. ‘Bonitinho e Ordinário’ é uma música nessa vibração”, comenta o artista.

CORREIO CULTURAL

Amandona manda bem em seu EP de estreia

Divulgação

Artista mineira, que lança o EP 'Pode Ser Que Eu Seja' tem Cássia Eller e Rita Lee entre suas maiores influências

Por Affonso Nunes

Cheia de presença de palco e dona de timbre marcante, a cantora e compositora Amandona mostra magnetismo e personalidade no EP "Pode Ser Que Eu Seja", que acaba de chegar às plataformas digitais. "Sinto que esse EP é o meu primeiro lançamento alinhado ao que realmente é a minha onda. Então, tô com a sensação que é um trabalho de reapresentação, sabe? Sem negar a Amanda que até agora estava experimentando", comenta a mineira de Governador Valadares, que hoje se destaca na cena independente de Belo Horizonte.

A faixa-título que abre o EP nasceu de um papo da cantora com Lucca Trezza, amigo de sala de aula, com muitas referências coincidentes, que logo foi alçado à posição de parceiro de shows, em Valadares. "Falei: Lulu, quero fazer uma música que transmita uma coisa meio 'sou o que sou, não o que acham', tipo 'sou o que sou e agora gosto de mim', num sentimento da linha 'sou grandona' e, ao mesmo tempo, 'não me siga, estou perdida'. E não é que ele entendeu?", conta, entre risadas.

"Propus um caminho de composição e de intenção de arranjo e, juntos, fizemos a música em duas horas. Depois que tocamos ela inteira, e



Amandona é uma boa revelação do novo som que se faz nas Geraes



Divulgação TIFF

Selton Mello comemorou a escolha em suas redes

Selton Mello é confirmado em longa de Tom Gormican

No rastro do sucesso de "Ainda Estou Aqui", Selton Mello se prepara para seu primeiro trabalho numa produção estadunidense: o ator foi confirmado no elenco da nova versão de "Anaconda" na qual vai interpretar um cuidador de animais brasileiro. A estreia de "Anaconda" está prevista para 25 de dezembro. Numa postagem nas re-

des, o ator comemorou sua inclusão no elenco. "Nova fase do game, sendo feliz e me divertindo fazendo o que amo de outro jeito em outra língua, em outro continente", escreveu ele.

Mello vai atuar com Paul Rudd, de "Homem-Formiga", Jack Black e Thandie Newton e será dirigido por Tom Gormican.

Bombou na web

A entrevista de Fernanda Torres para Jimmy Kimmel vem fazendo enorme sucesso nas redes sociais. O trecho do bate-papo publicado no perfil do apresentador no Instagram ultrapassou os 2,2 milhões de visualizações no fim de semana.

Bombou na web II

O número é bem maior, por exemplo, que as duas últimas publicações anteriores da página, que alcançaram apenas 141 mil e 107 mil reproduções, respectivamente. Nos comentários do post, diversos fãs brasileiros festejaram o brilho da atriz.

Protagonista

A Netflix anunciou o filme de ficção científica, "11817", que terá o brasileiro Wagner Moura como um dos protagonistas. O longa será dirigido por Louis Leterrier ("Truque de Mestre", "Velozes e Furiosos 10" e "Carga Explosiva 2").

Protagonista II

Na sinopse divulgada pela plataforma de streaming, o thriller "11817" acompanha uma família de quatro pessoas que, de repente, fica presa dentro de casa e precisa descobrir como sobreviver, tendo que lidar com uma ameaça misteriosa.

entendemos que tínhamos gostado, mandei mensagem pra Helena (Guimarães, empresária e namorada) que coordena a minha carreira e a minha vida (risos), e falei: Já tenho o EP que vamos lançar antes do nosso disco.

O EP ainda traz a faixa "Intensa" e a regravação de "Maluca", gravada por Cássia Eller (1962-2001) em seu início de carreira. Amandona vê a primeira como cartão de visitas de sua personalidade. "Sempre me senti meio 'muito'. Acho que essa energia expansiva e a habilidade de sentir profundo vieram de fábrica. Tenho cinco planetas em Capricórnio, lua em Escorpião e ascendente em Áries. Desde que descobri a palavra 'intensa' e a expressão '8 ou 80', entendi que essa era a minha natureza. Faço uma terapia forte para equilibrar (risos). Na escola, costumava ouvir: 'Não pode chamar a Amanda de linda que ela se apaixonou' e o pior é que era verdade!", confessa.

"Cabe dizer que me apaixonei loucamente por 'Maluca' quando conheci! A música não tinha nem acabado de tocar e já estava decidido: eu precisava dar um jeito de gravar! Essa letra do Luís Capucho

conversa comigo nas entrelinhas, o que acho muito genial e deixa muito mais interessante! Também tinha o lance de a poesia toda dialogar com a ideia que a frase "pode ser que eu seja" transmite. Por isso, achei tudo a ver trazer ela pra esse EP. A versão que a gente propôs vem numa mesma referência da versão gravada pela Cássia, mas numa tradução bem diferente. Achei chique!", rebobina a jovem artista, reafirmando-se à canção do cantor, compositor, escritor e pintor Luís Capucho.

Além da saudosa Cássia, Amandona tem referências explícitas de Rita Lee (1947-2023). e Cássia Eller. "Intensa", explica Amandona, foi inspirada num famoso tuíte de Rita: "Eu sou lá mulher de fazer backup? Perdi tudo, foda-se eu". "A identificação foi completa e imediata! O verso de mais expressão de 'Intensa' deixa às claras a referência na poesia de Rita, assim como a melodia e o arranjo, que foram construídos com referência na MPB, no rock/blues e também no pop da época", destaca a cantora que, a julgar, pelas três faixas que ora apresenta ao público, tem um futuro promissor.

Divulgação



Maitê Proença em cena do monólogo 'O Pior de Mim': a atriz busca na arte caminhos para expor suas opiniões mais sinceras

'Encanto do Brasil e da Globo pela juventude é herança colonial'

Maitê Proença se queixa do etarismo reinante na produção cultural brasileira e da falta de apreço pelos artistas mais experientes

Por Ubiratan Brasil (Folhapress)

Maitê Proença garante que o impulso é mais forte. Próxima dos 67 anos, que completa em 28 de janeiro, a atriz não se furta de se posicionar diante de questões delicadas, mesmo correndo o risco de ser cancelada.

Exemplo: antes de engrossar o coro de críticas à gestão de Regina Duarte como secretária da Cultura de Jair Bolsonaro, ela pediu à classe artística para acolhê-la, o que lhe valeu uma imagem de bolsonarista que nunca cultivou. "Havia ali uma mulher que nós conhecemos e não era uma total estranha", disse.

Outro: após assumir o namoro com a cantora Adriana Calcanhotto, disse preferir que ela fosse um homem - "Para essa atividade de sempre gostei mais de homem" -, o que lhe

custou acusação de lesbofobia.

"Já pensei muitas vezes em medir as palavras, mas a coisa sai porque parece precisar ser dita, tem vida própria. Eu devia florescer, explicar tipo 'vovó viu a uva', mas fui criada entre gente dura e anglo-saxões, não aprendi os floreios", diz ela à reportagem.

Como escudo protetor, Maitê busca na arte o caminho para expor opiniões sinceras. Foi assim com "O Pior de Mim", solo autobiográfico montado em 2022, e agora com "Duas Irmãs & Um Casamento", ácida comédia do inglês Peter Quilter agora em cartaz em São Paulo.

O público acompanha o reencontro de duas irmãs, Catarina, papel de Maitê, e Rosa, vivida por Debora Olivieri, ambas na faixa dos 60 anos, que se reúnem em uma casa de campo para organizar um casamento. Enquanto Catarina, sofisticada e bem-sucedida,

enfrenta os desafios de seguidos divórcios, Rosa, solteira e independente, traz uma perspectiva não convencional à própria vida.

Conhecido por criar espetáculos dominados por protagonistas femininas - foi assim com "Gloriosa", encenado no Brasil por Marília Pêra, e "Além do Arco-Íris", biografia de Judy Garland estrelada por Claudia Netto -, o dramaturgo britânico repete aqui a mesma linha dramática, com personagens mais velhas e com uma escrita sem travas, ignorando as convenções.

"Quilter foi muito feliz em optar por uma relação entre irmãs. Elas dizem coisas divertidas, mas abomináveis. As cutucadas ultrapassam os limites que seriam aceitos em uma relação de amizade. Mas, entre irmãs, o público tolera e até se diverte, pois descansa dos excessos do politicamente incorreto. Ali, é possível rir de barbaridades", diz Maitê.

As irmãs se alfinetam o tempo todo, trocam ofensas atribuindo os esquecimentos à velhice, brincam com questões do corpo e dos relacionamentos equivocados, além de adotar, mesmo sob autocríticas, dependências químicas que tornam suas vidas suportáveis.

"A leveza e o humor são a melhor forma para se abordar esses assuntos no teatro. Especialmente nos dias atuais, com o público sobrecarregado de frustrações, em um mundo instável e mutante difícil de se compreender", afirma a atriz, satisfeita por encontrar um papel adequado para sua faixa etária.

Segundo ela, o viço da juventude ainda fascina, principalmente no Brasil, onde redes sociais e meios de comunicação sedimentam uma herança perpetuada há séculos.

"O viço da juventude encanta, e no Brasil ainda mais, como no Rio de Janeiro, onde vivo, e onde a Globo, maior rede de entretenimento e divulgação de nossa cultura, se fez", diz ela. "É uma herança do período colonial, onde a gente ria para agradar ao rei, tudo que era aparência, tudo o que estava na superfície era mais valorizado. Uma pesquisa do que está em cartaz no teatro da França revela um apreço maior pelo conteúdo e pela experiência dos intérpretes."

A questão também é governamental e, embora não critique diretamente a gestão da ministra Margareth Menezes, Maitê encontra graves lacunas na pasta da Cultura. "Há muitas décadas, temos um país lamentavelmente fraco em educação. Esse equívoco produz pessoas despreparadas para pensar com a própria cabeça, sem referências e sem o instrumental para confiar nas próprias ideias", diz ela.

"A [gestão da] Cultura poderia amenizar essa deficiência com critérios voltados à formação de seres humanos menos vulneráveis aos modismos de fora, valores fincados no que há de mais legítimo e próprio da nossa sociedade. A globalização está incentivando o que temos de pior", acredita.

A carreira de escritora também foi um caminho encontrado por Maitê para "liberar seus demônios". Foi assim com o romance "Uma Vida Inventada" e principalmente com "O Pior de Mim", o monólogo que transformou em livro para abrigar fatos delicados que ficaram longe do palco, como detalhes de tragédias pessoais.

Aos 12 anos, Maitê precisou enfrentar a trágica morte da mãe, assassinada pelo pai ciumento. Anos depois, em 1989, o pai se suicidou e, em seguida, foi a vez do irmão adotivo tirar a própria vida. As lembranças inspiradoras agora são mais leves. "Estou compilando histórias infantis. Tenho três netas atualmente, e uma a caminho. Conto histórias sem parar. Algumas são boas e poderiam virar livros ou animação. Veremos."

Sturla Brandth Grovlen/Divulgação



Sem dogmas na invenção de Vinterberg

Ganhador do Oscar por 'Druk', o diretor de 'Festa da Família' aposta na TV, com minissérie sobre a crise climática na Escandinávia

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A espera dos direitos autorais conexos à refilmagem de "Druk – Mais Uma Rodada" (2020) para a República Tcheca (chamada "Pod Parou" e dirigida por Rudolf Biermann), o dinamarquês Thomas Vinterberg hoje negocia sua nova empreitada, a minissérie "Families Like Ours", com canais e streamings da Europa e fora dela. Havia um outro remake de sua dolorosa comédia dramática etílica para Hollywood, com Leonardo DiCaprio envolvido na produção, mas ainda não há

datas confirmadas para sua estreia. Neste momento, a teledramaturgia orienta o foco criativo do realizador escandinavo, nascido em Frederiksberg, na Dinamarca, há 55 anos.

"Cada um sabe do seu limite e da sua zona de transbordamento, mas a vida familiar está no eixo de nossos engasgos sempre", disse o diretor ao Correio da Manhã, em passagem pelo Festival de San Sebastián, na Espanha.

A ala do evento espanhol dedicada a negociações do mercado exibidor e distribuidor serviu de plataforma para a divulgação de "Families Like Ours", projetada em sessão de fala no Festival de Veneza, em setembro. Veiculado na Escan-

dinávia pela emissora TV 2, em outubro, essa produção assume tintas ecológicas. O enredo assume um tom de thriller. Devido ao aumento do nível do mar, a Dinamarca precisa evacuar parte de sua população. Nesse processo, Laura (Amaryllis August) precisa aprender novas formas de convívio com seus parentes. É um tema que Vinterberg aborda com frequência.

Cerca de uma década depois da consagração de seu "Festa de Família" (1998) com o Prêmio do Júri do Festival de Cannes, estreou no Brasil "O Funeral", uma peça teatral escrita pelo diretor (e estrelada por Bruce Gomlevsky), que dava continuidade à trama que fez sua fama

'Families Like Ours' aborda as sequelas da crise ecológica do aquecimento global

Divulgação



Thomas Vinterberg: cineasta dinamarquês aposta em narrativas serializadas para experimentar a teledramaturgia

nas telas. Naquela altura não se falava mais em Dogman 95, movimento escandinavo que o cineasta idealizou com Lars von Trier, Søren Kragh-Jacobsen e Kristian Levring a fim de reciclar os códigos do realismo no audiovisual e libertá-lo de dispositivo ilusórios. "Families Like Ours", seu novo experimento dramático, preserva em sua estrutura serializada o instinto de recusa a artificialismos que cansaram aquela geração de talentos no fim do sécu-

lo XX. Há, entretanto, cautela para que estratégias dialéticas do passado, tal qual aqueles usados pelo cineasta em títulos como "Querido Wendy" (2005) e "Submarino" (2010), não se tornem um garrote.

"Lançamos mão do termo Dogma de forma irônica, para atacar os cacotes de um cinema em vias de cansaço, portanto, não há como incorrer o risco de transformar o que nasceu para ser libertário numa corrente que limita nossa imaginação e gera clichês. Não precisamos de um Dogma que se cristalize como lei, como postulado. Há que se quebrar o gesso na arte", disse Vinterberg ao Correio, enquanto comemorava o sucesso mundial de "Druk – Mais Uma Rodada", pelo qual conquistou o Oscar de Melhor Filme Internacional, em 2021.

O longa hoje está na Netflix. Naquele ano de sua consagração nos EUA, Vinterberg foi indicado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood à estatueta de Melhor Direção, o que ampliou o prestígio de uma carreira iniciada em 1990. A produção de US\$ 5,7 milhões reafirmou a potência na parceria entre o cineasta e o ator Mads Mikkelsen, colegas no aclamado "A Caça", um dos achados da Croisette em 2012. Sem o apoio de Mads, a história de um frustrado professor de História que se reinventa após se submeter a um experimento ético jamais teria sido filmada. Uma tragédia pessoal do realizador quase breiou esse sucesso da Dinamarca nos écrans.

Em 2019, a filha dele, Ida, morreu, aos 19 anos, em um desastre rodoviário, num acidente cometido por um motorista que dirigia falando ao celular. A rodagem de "Druk" (chamado "Another Round" mundialmente) estava no início. Apesar do luto, Vinterberg acreditou que precisava seguir filmando e dedicar o projeto à jovem, num tributo póstumo. O resultado: comoção das plateias por onde a película passou.

Vem sendo assim o percurso de Vinterberg pelo cinema, a julgar pela comovente projeção da dramédia "A Comunidade" na Berlinale de 2016. Dele nascem narrativas confessionais que sempre flagram o desamparo.

À direita da Casa Branca

Divulgação



Dennis Quaid tem uma atuação luminosa no papel de Ronald Reagan na biopic do ator que se tornou presidente dos EUA

Marcha de Donald Trump ao poder amplia a visibilidade de filme sobre um de seus antecessores, Ronald Reagan, estrelada por um inspirado Dennis Quaid

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com o avanço de Donald Trump para mais uma gestão na Casa Branca, o audiovisual dos EUA anda atento ao legado de seus líderes, o que justifica a (oni)presença do filme “Reagan” nos paladares mais conservadores da cinefilia estadunidense. Embora ignorado na Oscar season, a atual temporada de premiações em volta das estatuetas da Academia de Hollywood, o drama dirigido por Sean McNamara fez sucesso de bilheteria em sua pátria natal, roda por salas de exibição da Europa e já está em anúncio na plataforma Apple TV. Dennis Quaid, seu astro, está em boa fase profissional por conta de sua participação no laureado “A Substância” (hoje na MUBI). Seu desempenho é arrebatador, mesmo nas situações em que o longa-metragem mais celebra o ethos da direita republicana.

A melhor forma de degustar “Reagan”, apesar de seu tempero rascante, é a evocação de uma anedota contada pelo ator Sylvester Stallone (apoiador de Trump), em sua homenagem no Festival de Cannes de 2019. À época, ele contou que, na campanha promocional de “Rambo II – A Missão” (1985), o então presidente Ronald Reagan (1911-2004) abordou-o dizendo: “Sabe, depois que eu vi seu filme, entendi o que fazer com a crise do Oriente Médio”. Stallone lembra que, ao ouvir a frase, só fez pensar: “Estou lascado”, numa alusão a uma possível conexão de seu nome com a política de armas e bombas do estadista. Essa forma de governar os EUA guiada a princípio por di-

tames capitalistas e, depois, por orientações de flerte neoliberais, deu a Reagan uma das reputações mais nefastas entre os políticos americanos do século XX, em especial durante a fase final Guerra Fria. Sua biopic dá tintas acentuadas a suas ambições de controle e (sobretudo) a seu ranço anticomunista.

Na direção, Sean McNamara opta por uma narrativa sem invenções de linguagem. O cineasta tem uma carreira prolífica na TV e nas telas, também como produtor, e tem no currículo o

tenso “On a Wing And a Prayer” (2023), também estrelado por Quaid. Desde o início dos anos 2000, o ator passou a se associar sempre que pode a projetos de verve cristã. A natureza evangélica de Reagan é sublinhada no argumento de Howard Klausner, baseado em livro de Paul Kengor, lançado em 2006: “The Crusader: Ronald Reagan and the Fall of Communism”. Um elenco luminoso, com destaque para Penelope Ann Miller (como Nancy Reagan) e Jon Voight, no papel do ex-agente da KGB Viktor Petrovich. Voight é outro dos aliados de Trumo na arte.

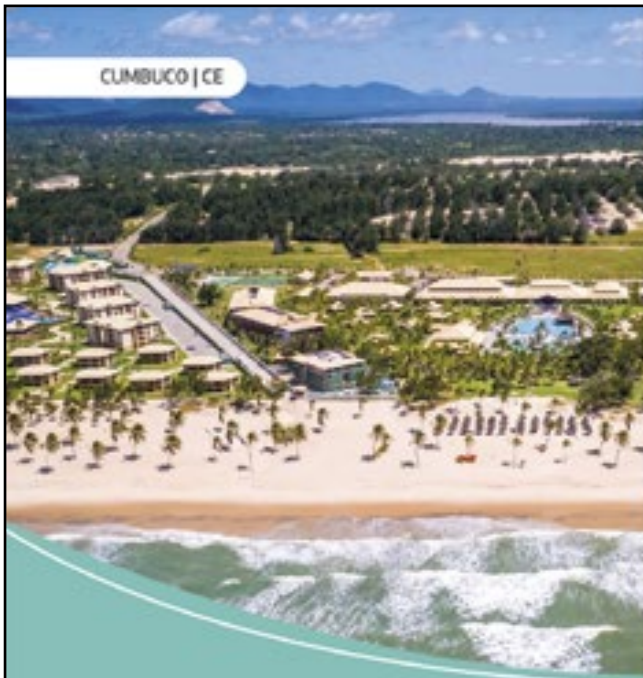
Seu personagem é quem narra os feitos de Reagan desde a infância, com um pai alcoólatra, até o “chamado de Deus”,

no abraçar do cristianismo, com sequências de sua carreira como ator, a partir dos anos 1940, e sua chegada à política. Christian Sebaldt assina a fotografia, di-nisíaca, que aquece com cores cálidas os momentos mais quentes das lutas de seu personagem central em prol de uma América que crê em Deus e na família acima de todo, sempre atento ao avanço das ideias de esquerda.

McNamara abraça a retórica, sem dialéticas teóricas, representando Reagan como um herói, ainda que torto. Há nele uma série de desvios de conduta, mas, na visão do cineasta, todos os caminhos levavam ao bem-estar do povo americano, o que torna sua abordagem algo controverso. Lembra a linha percorrida por Oliver Stone no esquecido “Nixon” (1995).

Enquanto “Reagan” aguarda holofotes no Brasil, o eletrizante “O Aprendiz” (“The Apprentice”), a cinebiografia de Trump, pode ser vista hoje na Amazon Prime, onde está disponível para aluguel ou compra. Passou em Cannes, em disputa pela Palma de Ouro, e concorreu ao Globo de Ouro, valorizando a interpretação de Sebastian Stan. Quem dirige é Ali Abbasi, cineasta escandinavo de origem iraniana respeitado cá por “Holy Spider”, de 2022. Sua passagem pela Croisette foi cercada de elogios. A produção é um biopic não autorizado.

O roteiro é centrado no processo de amadurecimento de Donald T entre os anos 1970 e a década de 1980 a partir da relação de aprendizado que ele estabelece com o poderoso advogado Roy Cohn, vivido por Jeremy Strong (da série “Succession”). Roy vira um mentor que ensina a seu pupilo as manhas sobre como vencer nos negócios no apogeu do capitalismo consumista. A Trump Tower é o primeiro dos acertos de seu “aluno” que, pouco a pouco, trai a confiança do mestre. Desrespeita ainda sua mulher, Ivana (Maria Bakalova), submetendo-a a uma violência sexual.



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

